

CEDI - P. I. B.  
DATA 26/09/91  
CPI/INTERNAC.

212

## **Lutzenberger pode deixar secretaria**

O presidente da CPI da internacionalização da Amazônia, deputado Atila Lins (P-FL), começou a elaborar ontem o documento que será encaminhado ao presidente Fernando Collor de Mello com o pedido de exoneração do secretário do Meio Ambiente, José Lutzenberger. O exame de trechos do depoimento do secretário, só possível através das cópias taquigráficas, não deixa dúvidas de que Lutzenberger representa uma ameaça para a Amazônia se continuar no cargo.

Atila revelou que estava apenas esperando as notas taquigráficas para fundamentar o pedido de afastamento do secretário, que ao prestar depoimento mostrou-se arrogante, quase provocando um incidente que só não aconteceu porque o presidente da CPI contemporizou. Lutzenberger vem recebendo, inclusive, críticas da imprensa de Brasília por causa do seu comportamento grosseiro e de claro desrespeito ao Parlamento.

"Não preciso jurar, pois só fato a verdade", chegou a argumentar o secretário diante da CPI. Ele acabou voltando atrás, mas depois de prestar juramento formal indagou, provocante: "Tá bom agora?". Irritado com a arrogância, Atila chegou a ameaçar suspender a reunião se o secretário insistisse no desrespeito. E só então o depoimento teve início.

**Defesa exagerada** - No documento que a CPI vai encaminhar ainda esta semana ao presidente da República a saída de José Lutzenberger da Secretaria do Meio Ambiente é considerada benéfica para a Amazônia em todos os aspectos. O secretário, segundo Atila Lins, só pensa em satisfazer a pressão internacional para garantir a defesa exagerada e até exacerbada da intocabilidade da região.

Em sua posição radical o secretário não entende, ou prefere fazer que não entende, que está condenando os povos amazônicos a continuarem vivendo na miséria. Ele não apresentou qualquer esboço de uma política de desenvolvimento para a região, insistindo na intransigência de defender sua preservação sem levar em conta que precisamos desenvolver. Não queremos destruir, queremos o desenvolvimento - destacou Atila Lins, que disse não ter dúvidas de que Lutzenberger não passa de um mensageiro dos países ricos.

## **Esquerda dá divisão na CPI da Amazônia**

Um movimento formado por parlamentares da chamada esquerda começa a dividir os membros da CPI da internacionalização da Amazônia. O grupo aponta a existência de um forte lobby militar para continuar dominando a região. Alguns deputados chegaram a dizer que os militares estariam levantando uma bandeira política ao denunciar a possibilidade de um ataque contra a soberania nacional. Na verdade, de acordo com o grupo, eles estariam apenas procurando uma forma de pressionar o Congresso em busca de melhores salários.

Conforme o deputado Tuga Angerami (PSDB-SP), os militares estariam levantando uma cortina de fumaça onde a insistência sobre a internacionalização da Amazônia anularia importantes discussões sobre a demarcação das terras indígenas e a retirada dos garimpeiros que depedram o meio ambiente. Para ele, "o discurso dos militares é cínico e pode estar sendo incentivado por membros da própria CPI".

**Calha Norte** - Angerami não poupa acusações contra os militares e afirma que dados fundamentais estariam sendo revelados pela CPI, como por exemplo a informação de que o Projeto Calha Norte ocupa 80% das áreas indígenas. Daí a defesa insistente, pelos militares, de uma diminuição das reservas alegando questões de segurança.

O não questionamento da presença de multinacionais na exploração de reservas minerais também é considerado por Tuga Angerami como uma situação no mínimo estranha, situação que se repete com relação aos porquês das disputas entre grupos de missões evangélicas na área. Para o deputado paulista essas missões poderiam colocar em risco a cultura indígena, nunca o território nacional.

O relator da CPI, deputado Avenir Rosa (PDC-RR), defende os militares e a tese da internacionalização. Ele acha que a ameaça à Amazônia é tão séria que pretende oferecer sugestões aos militares de como defendê-la em caso de guerra. "O ideal seria transformar cada ribeirinho, cada caboclo da região, cada habitante da Amazônia num soldado pronto a defender a nossa soberania" - propõe o deputado.